

A Propósito de Pasteur

RICARDO JORGE



Ricardo de Almeida Jorge (1858-1939)

(...) Pasteur, falar de Pasteur?! Este santo leigo anda espalmado, desde que em vida ascendeu à glória e desde que morto se divinizou, em livros, em brochuras, em artigos, em lições, em arengas, em alocuções, em discursos de toda a casta. Tem já um ritual de ofício e um antifonário. Que há-de fazer o oficiante que vem de novo subir ao altar ou ao púlpito no dia da festa do orago?! Desde Jean Macé, o vulgarizador da "história dum sábio por um ignorante", até Valléry-Radot, o esclarecido representante da família, que se compraz no labor vigoroso de biografá-lo e editá-lo, Pasteur entrou na circulação das ilustrações mais correntias. Está feita e refeita de cima abaixo a sua exé-

getica crítica e a sua apologética profana. "Bem difícil é, dizia outro dia um comemorador, o agregado Tanon, em presença dos trabalhos feitos sobre Pasteur, encontrar para dizer coisa que já não esteja dita".

(...)

Ostenta o paraninfo desta casa [Faculdade de Medicina de Lisboa] um friso pintural, que desenrola com a majestade das panatheneias do Parténon a procissão dos mestres da medicina, enquadrados em cada idade histórica em torno do seu mais fastigiado guião; à era moderna preside Pasteur. Será legítima esta entronização? Outras entidades supremaciais, a par da sua a antes da sua, dominaram a medicina do último quartel do

século 19, produto cruzado de factores complexivos – observação clínica, pesquisa lesional, investigação físico-química, experimentação fisiológica, representadas por pioneiros de marca, dos que rasgam e alumiam as estradas do progresso. Propriamente, não é um homem só que tem direito a ocupar o centro do pórtico; é sim uma pleiade. Se todavia pelo hábito simplista duma espécie de monandria representativa, se quiser que um único nome concentre a glória duma época e duma geração, à mão de Pasteur cabe empunhar esse ceptro de comando científico, porque simboliza a força que mais alto pujou e mais fundo cavou a gleba médica – a concepção da microbia e da patogenia animada.

Este conceito expansivo é porventura parto exclusivo da sua madre cerebral? foi da cabeça desse Júpiter que saltou de golpe a Minerva bacteriana armada de ponto em branco? Também não; tem na paternidade sócios por antecessão e por sucessão, mas a parte prima e magna é a sua. Não será irreverência dizer por comparação que a doutrina bacteriológica se assemelha neste ponto ao cristianismo. O Nazareno teve um precursor no Baptista do Jordão e um sucessor no converso de Damasco. Pasteur é o Cristo que prega o evangelho da ciência nova; Davaine figuraria o santo Precursor, Koch advem como S. Paulo; tal o apóstolo dos gentios a dar corpo à disciplina do credo teologal que há-de presidir à instituição das igrejas pelo oriente e ocidente, assim Koch pauta a técnica e regula a experimentação que há-de reinar nos laboratórios que vão enxamear por toda a parte.

(...)

Estes super-homens assu-

mem de facto um carácter hierático. Sagra-os o respeito e a admiração, entre os seus pares primeiro, entre os profanos depois; o país entra de ser pequeno para o seu culto, a nacionalidade reclama-os e as outras aclamam-no como se seu próprio fôra; todas as gentes o naturalizam por foro ingénito numa patriação universal. O seu núcleo anímico proliferado reparte-se em germes derramados pelos quatro ventos do espírito, mas como para a palavra evangélica a sementeira pega e espiga conforme a terra onde cai e o lavrador que a cuida. Cada nação recolheu e frutificou a herança de Pasteur. Que fez a nossa a tanto bem generosamente distribuído? *Pasteur em Portugal*, relanceie-se o que foi e o que é.

Acode-me o verso de Dante:
Ora incomincian le dolenti
note.

(...)

Ensino, estudo em Portugal – fazer-lhe a análise crítica pediria a vista de lince, a garra leonina e a pena barbelada dum Verney, dalguém que nos revocasse com gesto sacudido e voz imperiosa à consciência da nossa mentalidade. Parecem não fazer mingoia esses críticos de pulso, dir-se-ia que vivemos em Atenas nos jardins de Academus de braço dado com as musas.

(...)

Manda a verdade se diga que o regime actual se empenhou a fundo e em cheio no renascimento do ensino; em nenhum outro ramo da governança se evidenciou, como neste, esse decidido propósito de fazer a todo o custo mais e melhor – marco dos mais assinalados, posto na esteira de D. João III, de Pombal, e de Passos Manuel.

(...)

Atacou-se o analfabetismo, profundindo-se escolas, como se fôra esse apenas o seu remédio; criaram-se a rôdo, sem casas, sem mestres e sem alunos. Deu-se um relêvo formidável a essa tribo dos que não sabem ler nem escrever, andaram na berra estatísticas mal cifradas, esqueceram-se os factores sociais, morais e económicos da falha de letras, e sobretudo esqueceu-se que o grande mal, o maior mal, não é o analfabetismo, é o iletrismo das classes dirigentes, é o iletrismo dos próprios órgãos da opinião e das próprias classes diplomadas. Pior foi quando romperam as super-escolas primárias – criação atamancada, viciada e até desmoralizada da qual a vista se desvia com amargura.

Liceus pojaram e entumesceram, centros policrestas de todo o saber. Os programas regurgitam, nada há que não ensine e à farta; devem de lá sair os alunos com o cérebro pingue, como quem sai duma ceva. Estou no caso de fazer a comparação entre o discípulo liceal de hoje em dia e o de há mais de meio século. Tenho a impressão que sabem menos, e, o que pior é, trazem menor capacidade de saber. Quase se aboliu a educação clássica – a luz do espírito humanista que lá por fora se apregoa como a mais capaz de vivificar a inteligência, qualquer que seja o seu emprego – e institui-se a educação moderna, a da ciência a froixo. Resultado, perdeu-se uma e não se ganhou outra – se desconhecem a retórica, a filosofia, o latim e até o português, nem por isso conhecem a física, a química e a história natural. Vale aqui citar Pasteur, quando escrevia, que para a ciência o cérebro basta, mas que o coração e o cérebro intervem juntos nas letras, e é isso

que explica a superioridade delas para dirigir a marcha dos espíritos.

Nem as faculdades cognitivas se adestram, porque pelos modos o exercício concentrado da cerabração prejudica as inteligências *in herbis*, e pode fazer mal aos miolos e mais partes dos rapazes esfalfados. Nem memória, porque o decorar brutifica; nem leitura nem reflexão, porque a instrução só tem que entrar pelos ouvidos, soprada pelo órgão magistral; nem o manejar linguagem com ideias nem ideias com linguagem. Saem habilitados a expôr e dispôr pensamentos em fala correcta e culta? Escrevia-se em tempos melhor? nenhuma dúvida: escrevemos hoje pior? é patente. Sinal bastante, qualquer que seja a armação pedagógica em cátedras e programas, para estarmos certos de que o nível desceu e a cultura baixou: porque o manifesto dessa cultura está em linguagem, madre e produto da actividade pensante. Tinham razão as câmaras do comércio francesas quando até para a redacção adequada das cartas de negócio queriam que os seus caixeiros tivessem recebido a educação humanista. Cícero numa carta de crédito – e porque não?

(...)

Para Pasteur, no alto ensino residia o segredo da prosperidade, da superioridade e da glória dum povo; queria ele que esta verdade fosse gritada do cume do telhado do ministério. A instrução superior na arquitectura escolar figura ao mesmo tempo a cimalha e o alicerce. À velha Universidade pombalina aditaram-se mais duas, as de Lisboa e Porto, enfeixando os estabelecimentos criados ou reformados por Passos Manuel, já que o liberalismo de 34 não tinha ousado

afrontar os privilégios tradicionais de Coimbra.

(...)

Há pouco entraram de pulular faculdades novas – *proles sine mater creata*. Anicharam-se por casas alugadas – uma miséria que vexa os nossos estabelecimentos de ensino do primário ao superior.

(...)

Queremos ter sábios – velha e justa aspiração de brio. Coisa é bem triste – a mais triste de todas – que esteja este país assim desguarnecido de notabilidade europeias e mundiais. É já um estigma nacional, porque para encontrar nomes dessa casta é necessário remontar ao século doirado de quinhentos em que Portugal chegou a assentar professores seus, recrutados aliás entre os foragidos, nas cátedras estrangeiras.

(...)

Como sair deste escurantismo que nos pesa? questão a resolver no que tenha de solúvel. Traga-se a lume e à praça quanto séria e sinceramente o promova, tudo menos o arremedo e o reclamo, tudo menos a travestimenta da fama com a tuba a ressoar em falsete. Mais inflação ainda, a da bochecha assoprada a ameaçar de rotura os bucinadores. O conquistador napoleónico Junot prometia numa proclamação famosa dar-nos um Camões para cada Beira. Um século andado, cada semana pode dizer-se depara-se-nos nas gazetas o rasto luminoso de mais uma celebridade com cauda e côma que nem as de um cometa.

(...)

Fala-se com a mais louvável insistência numa especie de europeização ensinante, e se tempo houvera, glosaríamos esses programas de vitalização internacional. O chamado intercâmbio de

professores e conferencistas coisa é boa em si, mas não serão de mais as precauções para que não degenerem em espectacularidade dorativa de grande gala para uso *des gens du monde*.

(...)

Meio científico propriamente em Portugal não houve em nenhum tempo. As tentativas de constituição dum forte centro de ilustração malograram-se com D. João III e Pombal. No século XVIII acordámos estremunhados, vivíamos a dormir, cegos e surdos ao clarão e ao estrépito da ciência admirada na Europa e inteiramente ignorada na península, e daí temos vindo na peugada do progresso espiritual, às apalpadelas e aos empurrões, em fases de lento avanço e de estacionamento prolongado, sem nunca atingirem o alvo cobiçado.

Ciência e sábios não são bem olhados e muito menos apreciados, como se estivéramos numa perene Beócia. Quando D. João III e o Pombal fizeram deramas para as despesas com os estudos, os contribuintes repon-taram. Quando os jesuítas quiseram fundar escolas e colégios na cidade do Porto, os mercadores recalcitraram e quiseram opôr-se – as letras iam-lhes estragar os filhos de que a aula era a do masso e mona no balcão e no armazém. Um escritor da primitiva Academia notava amargamente que o português professa natural desprezo pelos intelectuais; apenas liga valor aos advogados e aos médicos porque precisa deles para as suas causas e para as suas moléstias – o *propter necessitatem* do Ecclesiastes. Mantém-se tal qual, senão maior, a escuridade dos homens de gabinete. Na minha juventude, em conversa com alguns lentes da capital, estranhei indiscre-

tamente que, embora devesse haver professores no parlamento, tantos trocassem a cátedra por S. Bento, ao que me replicaram que ao lugar de professor se não ligava em regra cotação nem importância, indo inteiras a notoriedade e a influência para os políticos.

O mesmo povo olha desconfiado para a gente do livro e do saber – que o testemunhem os provérbios sarcásticos. “tanto leu que tresleu”, “um burro carregado de livros é um doutor”. Massa por índole avêssa à ilustração e à cultura: e agora mais, que o encarniçamento do interesse desmoralizou e dementou, agora que tudo é presa da rapacidade dos salários e da rapacidade dos lucros.

Tem a ciência o mostrador barométrico na sua imprensa e nas suas sociedades – aí a praça do seu livre cambio, aí o seu foro academico, aí o seu incentivo. Vejam a acção patente da Academia de Medicina sobre os trabalhos de Pasteur. Ora entre nós o periodismo da ciência vegeta escassamente, atafulhando a custo o recheio de cada número.

(...)

Não nos queremos ouvir, e nem nos queremos sequer ler. Rascunhar escritos, compôr livros, para quê? Se não nos lemos uns aos outros. Tememos abrir o trabalho do compatriota, porque desconfiamos que não preste? Não, porque tememos pelo contrário seja bom e nos vejamos forçados a reconhecer o mérito alheio, reconhecimento que pesa à nossa inveja, pecado mortal simbólico da alma nacional.

(...)

Ricardo Jorge, *A propósito de Pasteur*, discurso proferido em comemoração do Centenário de Pasteur, Lisboa, 1923.

AGORA EM PORTUGAL



BOMBAS MECÂNICAS DE ALTO VACUO
BOMBAS DE VACUO "SECAS" E SISTEMAS DE TRATAMENTO DE EMISSÕES
BOMBAS DE VACUO PARA VAPORES
BOMBAS DE VACUO TURBOMOLECULARES
BOMBAS CRIOGÉNICAS
MEDIDA E CONTRÔLO DE VACUO
VÁLVULAS
FITTINGS, SELANTES E FLUIDOS
BOMBAS DE VACUO "QUÍMICAS"
SISTEMAS COMPLETOS DE VACUO
LIOFILIZAÇÃO
SISTEMAS DE DEPOSIÇÃO E TRATAMENTO SOB VACUO (SUPTTERING, ELECTRON GUNS)
DETECTORES DE FUGAS

É

DIAS DE SOUSA LDA.

Praceta Aníbal Faustino, nº 68 B
2625 PÓVOA DE STA. IRIA
T: (01) 9592316 / 9594462
FAX: (01) 9590813 / 9564995

Rua Gonçalo Cristóvão, 294, 7º ET
4000 PORTO
T: (02) 310839 / 2082490
FAX: (02) 323573

Canada dos Folhadais, nº 15
9700 ANGRA DO HEROÍSMO
T: (095) 32512
FAX: (095) 31338